

15412 - Resumo Expandido - Trabalho - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 04/GT 12 - Didática e Currículo

EDUCAÇÃO E AVALIAÇÃO: PROLEGÔMENOS À UMA SINTESE

Renan Rocha Gonçalves - UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Rosilene Lagares - UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Jose Damiao Trindade Rocha - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Resumo: Este artigo é resultado das discussões feita no PPGE/UFT no componente Avaliação da Aprendizagem. Tem como objetivo uma síntese inicial do tema avaliação da aprendizagem com vistas ao esclarecimento da ideia de medir nos estudos de Alfred Binet e seus testes de inteligência e as finalidades educacionais da avaliação. O trabalho é resultado dos estudos no Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/UFT. As leituras, análises e inquietações das quais resultaram as discussões em sala de aula, bem como os interesses e inquietações que surgiram a partir das provocações, permitiram uma sistematização panorâmica da relação entre ‘educação’ e ‘avaliação educacional’. Ao entender a ‘avaliação educacional’ como componente de um movimento maior que é a Educação, nos deparamos com a necessidade que seus sentidos estejam atrelados a um ideal maior para qual convém o educar ao homem, qual seja, para a realização da sua dimensão humana. Ao tratar de noções preliminares, entendemos que avaliação só terá sentido formativo, se atrelado a um projeto maior de formação humana, integrando-o e não apenas como uma realização pontual e estanque.

Palavras-chave: Educação, avaliação educacional, projeto de formação.

## INTRODUÇÃO

“ARETÉ” o termo usado pelo professor Coêlho (2012) referente ao ideal de formação do homem e daquilo que diz respeito a sua plena existência e que se relaciona com a vida coletiva, o bem estar da comunidade, nos pode trazer um outro modo de perceber a Educação em seu sentido tanto mais abrangente, quanto em seu sentido restrito. O trabalho ora concluído, teve como foco uma imersão na tentativa de compreensão da Educação enquanto processo sociocultural e de seus componentes mais específicos, no caso aqui a avaliação da aprendizagem, não perdendo de vista a sua totalidade nem mesmo sobrevalendo desta dimensão em detrimento da totalidade, que está intrinsecamente ligada a outras, de modo a compor o todo.

O que está no horizonte da educação não é, em primeiro lugar, a escolarização, a informação, a formação do erudito, o homem de negócios ou do funcionário do estado, nem a instrumentalização de crianças, jovens e adultos e sua inserção no mercado de trabalho, desenvolvimento científico-tecnológico, o sucesso dos educandos e o aumento da produção. Pelo contrário, é sobretudo a dimensão ético-política do homem e da sociedade, a elevação espiritual, humanização de todos os homens, grupos, povos e instituições, enfim, a realização de sua dimensão humana. Esse é o sentido e a finalidade da educação, o que justifica a sua existência (COÊLHO; GUIMARÃES, 2012, p. 326)

Começar com essa citação nos leva a refletir sobre alguns aspectos que terão impactos diretos sobre o tema deste artigo. Primeiro que educação e avaliação são temas que estão imbricados um no outro, sendo avaliação como um momento do ato educacional ao mesmo tempo que perpassa todo seu processo. Em concordância com uma visão mais antropológica do que seria avaliação, diríamos que este processo encontram-se na gênese do próprio homem, o homem

age segundo juízos valorativos. Segundo, que, assim como se nos apresenta essa compreensão mais ampla sobre o tema educação, o mesmo vale para avaliação que nas últimas décadas vem tomando delineamentos outros que complexificam sua realização e amplia sua abrangência, dita de outra forma, o lócus avaliação passou e ainda encontra-se em processos de transformação de modo a cumprir com diversos objetivos, para fins de delineamento de pesquisa tomamos como lócus a discussão sobre avaliação da aprendizagem.

Avaliação, neste caso tomado em seu sentido stricto, educacional, tem como finalidade gerar posicionamentos valorativos em relação aos seres humanos em seus percursos educacionais formais, não podendo servir de bases explicativas gerais aplicadas a qualquer contexto, mas voltada à realidades específicas, visto que, o que se propõe a avaliar tem como marca a inconstância, a heterogeneidade, sujeitos sob influência da ação educativa como afirma Vianna (2000).

A partir do que estudamos, chegamos a compreensão de que para fins de especialização, um estudo aprofundado sobre o tema “Avaliação da aprendizagem”, faz sentido, mas este não pode ser analisado de forma isolada. Ao cumprir objetivos maiores aos circunscritos ao ambiente formal de educação, tanto educação como avaliação, fazem sentidos quando atrelados a um ideal maior, ou seja, a um projeto de sociedade, de formação que oriente e estabeleça seus marcos regulatórios para que assim suas ações possam ser direcionadas.

Temos então que, a ‘avaliação da aprendizagem’ circunscrita ao âmbito da educação, cumpre um papel maior, apontado pelo professor Ildeu (2012), de levar o homem à realização de sua dimensão humana.

A partir das definições supracitadas, partimos aos questionamentos que nortearão a construção da escrita: O que torna complicado a utilização da avaliação no contexto escolar? Como medir o conhecimento em um indivíduo?

Binet e a ideia de “medir”

Avaliação nos delineamentos que temos hoje é resultado primeiro de estudos que se iniciam na década de 40 e 60 com pesquisadores como Tyler (1942) e Stake (1967) segundo nos apresenta Vianna (2000). Mas, um retorno um pouco maior se faz necessário, visto que ideias ainda mais antigas reverberam com muita força na maneira como concebemos a avaliação da aprendizagem e que nascem com a psicometria e seus testes que tem como finalidade medir o conhecimento no indivíduo.

Como expoente desse teste temos Alfred Binet, suas pesquisas experimentais, durante mais de trinta anos, trouxeram influencias significativas à maneira como concebemos uma práxis educativa em nosso país, frequentemente estamos pensando a avaliação da educação como medida. Como deixamos claro no início deste artigo, avaliação é muito mais do que medir, e segundo Razzo (2010, traduzida por Almeida), para Binet essa também era uma verdade.

Binet é Francês da cidade de Nice, nasceu no ano de 1857, filho de uma pintora e de um médico. Apesar de iniciar seus estudos na Faculdade de direito, no decorrer destes, interessasse sobre estudos voltados à psicologia, inclusive publicando seus primeiros artigos nesta área nos anos de 1880. Engaja-se nos estudos da psicofisiologia e da clínica psiquiátrica, mas seu centro de interesse muda totalmente com o nascimento de suas duas filhas redirecionando seu centro de interesse agora à psicologia da criança em especial à análise das diferenças individuais com relação ao patrimônio genético e à educação segundo nos aponta Razzo (2010, traduzida por Almeida).

Com Théodore Simon, então designado com interno de psiquiatria no ano de 1892, Binet forma uma dupla que diversifica mais uma vez seus estudos, agora no âmbito da educação de pessoas “anormais”. Binet doutora-se, e publica diversos artigos em colaboração com outros pesquisadores na área de psicologia, no entanto, questões de ordem pedagógica e os fins sociais da educação tomam cada vez mais prioridade em seus estudos. Com seu colaborador, Simon, na tentativa de examinar dois problemas: O diagnóstico dos estados de retardo mental e a educação de crianças anormais, desenvolve, pela primeira vez, a escala métrica da inteligência apresentada em um congresso Internacional de Psicologia em Roma no ano de 1905.

Razzo (2010, traduzida por Almeida, p 21) afirma “com binet, o corte epistemológico está consumado, e ele será o primeiro a aplicar a medida às funções superiores do espírito, aos fatos psíquicos complexos”. É claro para o autor as intenções de Binet, sua preocupação com as demandas pedagógicas, e como seus estudos podem ter alguma utilidade prática, na medida em que explica a incapacidade das crianças de seguir os ensinamentos escolares. Seu afastamento dos laboratórios de psicofisiologia e de sua maneira de desenvolver seus experimentos na busca por entender as diferenças no indivíduo, podem apontar para seu êxito em seus experimentos. Binet aposta numa abordagem estritamente individual e sua escala métrica deriva dos muitos testes aplicados às suas duas filhas.

Importante ressaltar também, que a ideia de que a capacidade de se medir as funções superiores no indivíduo não surge em Binet, há estudos que o antecede, a psicometria experimental é definida como “a arte de impor às operações do espírito a medida e o número” (GALTON, 1875, apud ZAZZO, 2010, p. 16). Binet, apesar de reconhecer o valor da psicometria, admite seus limites e aponta para a incapacidade de resolver problemas da vida real como nos afirma Razzo (2010, traduzida por Almeida).

“A mensuração psicológica e pedagógica, não é uma mensuração verdadeira, é simplesmente uma classificação”. (BINET, 1898, apud ZAZZO, 2010, p. 24).

## **MATERIAL E METODOLOGIA**

O texto é resultado das leituras, análises e inquietações das quais resultaram as discussões em sala de aula, bem como os interesses e inquietações que surgiram a partir das provocações, que permitiram uma sistematização panorâmica da relação entre ‘educação’ e ‘avaliação da aprendizagem’.

A partir das sessões de trabalho, os resultados são analisados na perspectiva da abordagem qualitativa. Trata-se de uma investigação que elege como objetos uma realidade empírica e uma temática específica para produzir conhecimento novo sobre o fenômeno em tela e contribuir com o debate teórico-acadêmico. Os pressupostos da pesquisa qualitativa visam a “[...] fornecer razões, justificações, explicações, efetuar descrições e narrativas” (MACEDO, 2006, p. 11), na busca de compreender o contexto do fenômeno pesquisado. Essa abordagem fundamentou minha crítica ao saber fragmentado e especializado, bem como à pulverização do conhecimento.

Trabalho com a concepção de representação entendida como “[...] inscrição, marca, traço, significante e não como processo mental, é a face material, visível, palpável, do conhecimento” (Silva, 1999: 32). Portanto, representação social não é tomada na concepção da Teoria das Representações Sociais, mas no contexto da chamada “virada linguística” que tem a ver, fundamentalmente, “[...] com a relação entre, de um lado, o “real” e a “realidade” e, de outro, as formas pelas quais esse “real” e essa “realidade” se tornam “presentes” para nós, re-presentados” (Silva, 1999: 32). Por isso, os documentos são tomados como “etnotextos fixadores de experiências” (MACEDO, 2006).

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Educação é uma dimensão da cultura humana, portanto produto do seu fazer, na qual seus valores e ideais têm perdido espaço para as “coisas” da educação e suas tematizações aligeiradas. Não se discute mais sobre um Projeto civilizatório capaz de avançar para uma condição melhor de sociedade, visto estarmos perdidos nos pormenores da educação. Deste modo, o ideal de coletivo, que nos aponta Coelho e Guimarães (2012), no qual busca-se o ‘bem comum’ em detrimento do ‘privado’ perde espaço para uma busca marcada pelo interesse particular.

Acreditamos que a ideia de que se pode medir a inteligência de uma pessoa, quando exposta a mecanismos de avaliação, não é uma ideia verdadeira assim como nos aponta Binnet (Silva, 1999) em seus estudos, possibilitando apenas uma classificação que não vai ao encontro às reais possibilidades do sujeito. Ao ser submetido a situações de aprendizagens, as expectativas quanto a avaliação, orbitam em torno da aquisição do que foi proposto em

termos ‘conceituais’, ‘procedimentais’ e/ou ‘atitudinais’ (Zabala, 1998) segundo as especificidades de cada um desses elementos.

Apesar do distanciamento temporal e mesmo conceitual dos estudos iniciais do que seja a avaliação moderna, por vezes nos vemos impregnados de uma práxis avaliativa desatrelada de um projeto de formação que busque o melhoramento do homem, esbarramos pois, em questões éticas na busca da superação da mera mensuração, para a integração da avaliação como uma prática holística na qual tanto o aprender como o ensinar estão integrados, bem como, as interferências do contexto em que ocorrem as situações de aprendizagem para que assim essas propostas se efetivem e com a qual a avaliação educacional contribui para a sua realização.

Deste modo entendemos que devemos superar uma avaliação que se reduza a julgar a inteligência de um aluno, a aferir seu nível de competência na saída de uma formação ou ainda um ranqueamento entre as unidades educacionais que exibem seus primeiros colocados em listas como troféus. ‘O que é preciso avaliar são as competências, as capacidades reais de uma pessoa para agir eficazmente em situações complexas, imprevisíveis, não só na escola, mas na vida social e profissional.’ (Perrenoud, 1999)

## **CONCLUSÃO**

Como anunciado no título deste trabalho, o que buscamos aqui foi um debate inicial e introdutório acerca do tema ‘educação’ e ‘avaliação educacional’, noções preliminares para estudos mais aprofundados.

Temos, pois, que avaliação só terá sentido formativo, se atrelado a um projeto maior de formação humana, integrando-o e não apenas como uma realização pontual no cotidiano das escolas. Toda a consecução de ações que envolve o ato educativo, em suas múltiplas dinâmicas, visam a ‘elevação espiritual’ do homem, da realização das possibilidades de sua dimensão humana.

Por fim, a ‘avaliação educacional’ não pode ser concebida como mera relação quantitativa assim como nos apontam os estudos iniciais da psicometria, ao contrário, deve cumprir, como parte do processo educativo, aspirações pontuais na consecução do ato educativo e aspirações genéricas atrelados a um projeto civilizatório mais elevado que as exigências pragmáticas da realidade imediata.

## **REFERÊNCIAS**

- COÊLHO, Ildeu Moreira. Escritos Sobre o Sentido da Escola. Organização. Campinas-SP Mercado das Letras, 2012.
- COÊLHO, Ildeu Moreira; GUIMARÃES, Ged. EDUCAÇÃO, ESCOLA E FORMAÇÃO. Revista Inter Ação, Goiânia, v. 37, n. 2, p. 323–340, 2012. DOI: 10.5216/ia.v37i2.20728.
- MACEDO, Roberto Sidnei. Etnopesquisa crítica etnopesquisa-formação. Brasília, DF: Liber editora, 2006.
- Perrenoud, P. Avaliação: Da Excelência à Regulação das Aprendizagens. Porto Alegre: Editora Artmed, 1999.
- ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1998.